

PANORAMA POLÍTICO

**TEREZA CRUVINEL • de Brasília**

A voz que os senadores ouvem

• O Senado dormiu indulgente e acordou rigoroso. Os telejornais da véspera, os jornais do dia e o pulso social que pôde ser tomado dissiparam o efeito inicial das confissões do senador José Roberto Arruda e o clima favorável à punição mais branda. A tendência pró-cassação voltou a ganhar força.

"Hoje o Senado está sob o comando da opinião pública", resumiu um indulgente da véspera, Paulo Hartung (PPS-ES). Muito cedo os senadores chegavam à Casa se perguntando: "Você viu?" Referiam-se ao tratamento severo dado pelo noticiário político à confissão de Arruda, comparando-a em contundência com o discurso da outra semana, em que ele mentiu ao Senado, negando participação na violação do segredo de votação na cassação de Luiz Estevão. Ficaram impressionados, em particular, com as edições dos telejornais da noite. Mais tarde, a decisão do PSDB de pedir a expulsão de Arruda, que se antecipou pedindo o afastamento, acabou de consolidar o clima favorável à solução mais drástica.

Não é, de todo modo, um quadro definitivo, sujeito que está ainda a uma variável importante, o depoimento que o senador Antonio Carlos prestará ao Conselho de Ética amanhã. E, ao que se sabe, ele vai retificar alguns e ratificar outros pontos da fala de Arruda e do depoimento de Regina Borges. Não fará melodrama nem auto-flagelação, evitando porém a arrogância e a agressividade para com os outros dois.

Não é que os sentimentos tenham mudado da noite para o dia. Os conciliadores, por piedade ou preocupação

política com as consequências da solução violenta, continuam desejando, como diz o senador José Agripino Maia (PFL-RN), "o milagre de uma saída que não violente o Senado nem ofenda a opinião pública". Mas, ontem, tal possibilidade deslocou-se de fato para o campo dos milagres, a partir do momento em que, como diz Hartung, os senadores passaram a buscar sintonia fina com o chamado sentimento das ruas. Afinal, dois terços deles (54 entre 81) vão disputar novo mandato ou algum outro cargo eletivo no ano que vem.

O primeiro-secretário do Senado, Carlos Wilson, tem sido um discreto mas importante personagem deste processo todo. Foi quem coordenou todas as iniciativas, facilitando inclusive o trabalho dos peritos da Unicamp, que fizeram da tecnologia uma ferramenta a serviço da verdade política. Era ele ontem um destes intérpretes do sentimento do Senado, quando dizia que o simples fato de Arruda ter mentido ao plenário com a mesma eloquência e emoção de anteontem era suficiente para justificar sua cassação. Sem falar no delito em si, a violação do segredo.

Mas há ainda ACM, que dizia ontem a amigos não acreditar que o Senado embarque no prejulgamento, negando-lhe o crédito de confiança no depoimento de amanhã. É o que falta agora.